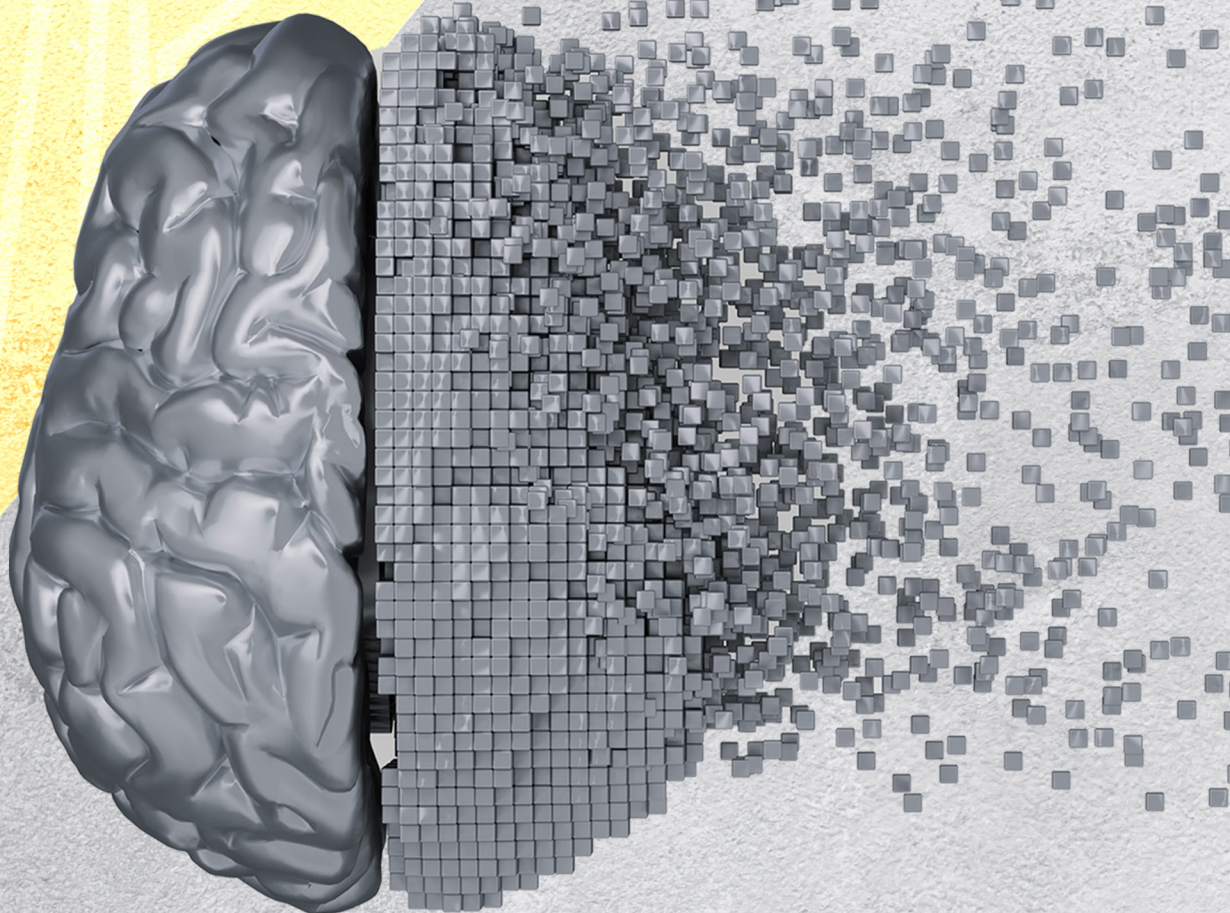


A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS HUMANAS 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências humanas 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-278-4

DOI 10.22533/at.ed.784192404

1. Antropologia. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.
3. Pesquisa social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil faces secretas sobre a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta,

Pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Drummond

O livro faz parte da publicação de três volumes reuni trabalhos e pesquisas realizadas por acadêmicos de universidades realizadas na diversas Regiões do Brasil. O rigor metodológico e científico presentes na elaboração do livro revela a seriedade e a profundidade com que os temas foram tratados, por isso, trata-se de uma leitura necessária e obrigatória para quem pretende fazer ciência no Brasil. Faço deslizar lentamente os meus olhos pela linha de palavras que compõem o tema deste livro, sendo o meu primeiro desafio: qual face dessas palavras, entre as mil que possam ter, escolherei para tecer o fio que me permitirá entrar e sair do labirinto deste texto, de saída, que o discurso daquele que analisa não pode ter a aspiração de ser o avesso de discursos outros (do filósofo, do educador, da histeria, do mestre na intenção de passar-lhes a purificado).

Gostaria de me deixar levar pelos pensamentos que me arrebatam no processo que ora início de me haver com a provocativa questão: afinal, qual a importância dos conhecimentos produzidos por nós mesmos na área das chamadas Ciências Humanas?

Contudo, sinto-o agora, o começo de qualquer discurso, como reconheceu Foucault, é angustiante. Ele, que tratou com seriedade e rigor o tema, sentiu o forte o peso que lhe conferia a linguagem em sua aula inaugural no Collège de France. Em sua fragilidade humana confessou:

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível.(...) (p.5)

Escrever é como falar, uma captação de palavras; encontrar aquelas apropriadas para dar forma ao pensamento promove a obstinação de um arqueólogo. Percebo que a língua é uma matéria prima indócil. Em primeiro lugar, porque quem escreve luta com palavras, como escreveu Drummond (*O lutador*). Em segundo, porque força o autor no confronto com a própria solidão, com a lacuna de “algo que pudesse ter estado sempre aí” e pudesse, simplesmente, deixar-se (con) fundir.

Isso me faz refletir sobre a produção de conhecimento, quase sempre nos referimos à construção de saberes apontados sob a forma escrita. Nos meios acadêmicos essa é, ao mesmo tempo, uma exigência das agências de fomento e uma forma de controle institucional de produção. Somos impelidos a escrever e a estar cada vez mais em solidão. O risco que corremos: terminarmos por nos afastar do mundo e dos papéis

que, nas ruas, nas esquinas, em nossas casas e classes tornam a vida um movimento coletivo de fazer, desfazer e compreender o cotidiano. Meio da cultura viva, que pulsa, lateja, vibra e produz conhecimentos.

Alguns poderiam ajustar que quem fala não escolarizado compartilha e participa da produção do que se indica, carente, despectivo, desdenhativo de “senso comum”. Outros rebateriam, considerando que todo saber produzido coletivamente, nos esforços diários que fazem as pessoas para entenderem a vida, é uma configuração legítima e considerada e qualificada de conhecimento. Alguém, por seu turno, poderia se acelerar em responder: “Mas o que o povo produz são compreensões leigas e estamos, aqui, falando de sistemas de verdades produzidas pelas ciências humanas, produzidos não nas ruas, mas em centros de pesquisas e universidades. ” Temos, nesse “esclarecimento”, o desvelamento da divisão bem conhecida entre saber acadêmico e saber popular.

O risco do banimento da vida vivida pelos personagens que, incongruente, pretendemos pesquisar, se torna fato abalizado pelas fronteiras geográficas e fixas que criamos para constituir aqueles mesmos centros e universidades. O medo, prenuncio e ameaça, de sofrermos agressões por esse mundo que nos parece exterior, nos fazem idealizar, planejar e criar novas estratégias de confinamento espacial e sendo assim colocamos cercas em todo o espaço que acolhe as construções em que trabalhamos.

“Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.”

Walter Benjamin

Ficamos nós como salvos para estarmos sempre às bordas com nossa produção escrita e com a tarefa de calcular cada novo texto, assim que concluído, nas diversas formas de registro, para, logo em seguida, recomeçarmos o mesmo ciclo. Vemo-nos absorvidos por uma rede de protocolos que consome tempo e nos rouba a vida partilhada com nossos próprios. Se isto só não fosse suficiente, por sermos avaliados pelo que produzimos, nos tornamos “pessoas-produtos”. O próprio jogo institucional nos classifica em pesquisadores melhores e piores, medianos e brilhantes, nos distribui em níveis hierárquicos sob siglas bem definidas pelas agências de fomento. Passamos a no olhar com a discriminação que tais classificações acabam por nos conceber. Separamo-nos assim, vaidosamente, uns dos outros, como se estivéssemos submergidos num encastelamento.

Ainda que o racismo seja uma planta daninha, nociva e abjeta, cuja existência incriminamos, repudiamos e cuja natureza analisamos em nossos textos bem-comportados e politicamente corretos, acabamos por reproduzi-lo em nossas vidas vividas. Emancipamos dele em nossas vidas escritas; estas, codificadas em livros e artigos, que ficam disponibilizados nas universidades e nos meios digitais. Tentamos sair intatos em nossa consciência, justificando que, afinal, critérios objetivos nos

dividem, mas esquecemos que eles, os critérios, atendem a interesses políticos e ideológicos que amparam, nesse período histórico, “isso” que chamamos *de estado democrático de direito*.

Difícil pensar em uma escola *para os outros e para todos*, ou seja, em uma escola inclusiva, quando nós mesmos nos isolamos em circunscritos grupos de relações, tornando-os abalizados, e muitas vezes, intransmissível entre si.

Eis uma questão me assenta em desalento. Vou expô-la aqui: o que, afinal, estamos fazendo com o cuidado de si, a partir do conhecimento que produzimos para outras pessoas? Ou, como nos provoca Foucault (1998)

de que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? (p.13)

O retorno transformador do conhecimento para aquele que conhece deve ser uma prática de bastidores e individual, ou seja, deve estar apartado do processo de produção do conhecimento enquanto tal. Esse pensamento, Foucaultiano (1998) responde:

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? (...) O “ensaio” (...) é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento. (idem, p. 13).

Foucault nos acena a filosofar como um exercício de (re) escrita de si, por meio *de práticas reflexivas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam formas de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo*.

A importância das Ciências Humanas na produção de conhecimento, no entanto, não para a Educação, mas para nós mesmos, que habitamos os espaços onde, institucionalmente, conferimos materialidade às Faculdades de Educação. Todavia, já avanço: coloquei-me como membro, escrevo como parte dela. Faço parte do jogo que pretendi desnudar.

Perseguindo ainda a ideia de que nossa produção, às vezes, se torna uma compulsão que não nos permite ter tempo de deleitar-se o que produzimos, tento pensar como, usualmente, saímos desse impasse.

Creio que, às vezes, nos iludimos pensando que, quanto mais aprendemos, mais afinados teoricamente ficamos, mais temos o que ensinar às novas gerações. Segunda armadilha: se já sabemos o que ensinar, qual o espaço de criatividade que damos ao aluno? Temos alguma garantia sobre o que, de fato, ensinamos?

A ideia não é nova, basta lembrar Paulo Freire. Todavia, o desejo como o movimento do amante em direção ao preenchimento de uma falta não passível de objetivação pelo amado.

Portanto, a aprendizagem é algo que escapa, que não se pode controlar de fora

mas que se pode propiciar no jogo amoroso de buscas recíprocas de atendimento de desejos, também recíprocos, do professor e do aluno em necessária parceria afetiva.

Arrisco concluir que aquilo que produzimos pode, apenas em parte, atender ao aluno. E, naquilo que atende, talvez não possamos nunca precisar em quê. O que sabemos é ponto de partida de nossa oferta, não é a satisfação da demanda daquele que busca conhecer.

Com isso, o saber e a ciência adquirem um papel ainda mais relevante do que tinham em tempos atrás. As concepções de produção do conhecimento sofrem alterações a cada época, pois cada momento histórico tem seus próprios modelos e suas próprias maneiras de ver, agir e sentir, acompanhados de um novo conceito de produção do conhecimento e, conseqüentemente, do que venha a ser válido e reconhecido. O conhecimento está sempre associado à situação transitória de evolução em que se encontram as sociedades em variadas épocas, determinando e sendo pela situação determinado. Para esse trabalho de reflexão sobre a produção de conhecimento na sociedade da informação abordaremos, inicialmente, o processo de construção de conhecimento, o conhecimento científico e a pesquisa em ciências humanas, mais especificamente em educação, contextualizando, em seguida, com a sociedade da informação e as novas discussões emergentes sobre o conhecimento científico.

Com a perspectiva de Walter Benjamin de que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”, fizemos essa pequena inserção empírica no sentido de acrescentar outras vozes na interlocução que viemos fazendo. Conscientes dos limites e desafios que precisamos assumir para aprofundamento deste tema, ficou para nós que: “escrever é isso aí: interlocução”.

No artigo **ESPAÇOS DE VIDA RECONSTRUÍDOS PELA MIGRAÇÃO: NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS EM COMUNIDADES RURAIS PIAUIENSES**, a autora LIDIANE MARIA MACIEL buscaram analisar o processo social de mudança desencadeada pelas migrações “permanentemente temporárias” laborais, ocorridas entre o interior estado de São Paulo e interior do estado do Piauí. No artigo **FAXINAIS E RESISTÊNCIA: A ATUAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO FAXINAL DO SALTO. REBOUÇAS/PR, 2000-2015**, os autores Sonia Vanessa Langaro e Valter Martins buscam analisar as características e relações constituintes do Faxinal do Salto, localizado no município de Rebouças/PR. No artigo **FILOSOFIA AFRICANA E A LEI 10.639/2003**, os autores Danilo Rodrigues do Nascimento e Flávia Rodrigues Lima da Rocha buscaram propor uma nova maneira de pensar a origem e as articulações da filosofia, a fim de ampliar a discussão sobre sua procedência para além da Grécia, bem como discutir a aplicabilidade da Lei 10.639/2003. No artigo **GESTÃO ESCOLAR: PLANOS DE METAS OU PLANO ESCOLAR** os autores Andréia Oliveira Ferreira dos Santos e Rosiley Aparecida Teixeira buscam apresentar os resultados parciais de um estudo que surge mediante inquietações sobre uma gestão escolar burocrática e gerencial. No artigo **GRUPO SEGURA FIRME: UMA EXPERIÊNCIA DE PREVENÇÃO E**

TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA NO CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU, as autoras Gisele Cristine Zimmer Samagaia Sabrina Speckart Ribeiro, Camila Amanda Schmoegel Elias trata de um relato de experiência da atividade em grupo realizada no CSI. Neste âmbito foi idealizado por uma estagiária o grupo para orientação e tratamento da incontinência urinária que foi nomeado como Grupo Segura Firme. No artigo **IMAGENS DOS DESTERRADOS E DO ACRE EM CHARGES: REPRESENTAÇÕES, NARRATIVAS E IMAGINÁRIOS**, os autores Higor Vieira de Araújo e Higor Vieira de Araújo e Francisco Bento da Silva, buscam para dialogar com narrativas visuais (charges e fotos) que trazem como temática a expulsão (desterro) de homens e mulheres no princípio do século XX para o Acre.

INDISCIPLINA NA ESCOLA: INVESTIGANDO AS AULAS DE MATEMÁTICA os autores Jonny Lucas de Oliveira e Joyce Jaqueline Caetanolzabel Passos Bonete buscou promover uma discussão sobre o tema, por meio da análise de depoimentos de professores de Matemática, coordenadores pedagógicos e alunos do ensino fundamental de duas turmas, consideradas as mais indisciplinadas, de duas escolas públicas estaduais do município de Irati-PR. A escolha das turmas foi por indicação da direção das escolas. No artigo **LIGA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (LIGGe) DA UFCSPA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROPOSTA MULTIPROFISSIONAL PARA SUPLEMENTO CURRICULAR E PROMOÇÃO DE AÇÕES E EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM ENVELHECIMENTO HUMANO**, os autores Jeovana Ceresa, Nathália Fritsch Camargo, Guilherme Costa da Silva, Tamara Lansini Tolotti, Thayze Maria Marques Torbes, Guilherme Briczinski de Souza, Christofer da Silva Christofoli, Juliane Pinto Lucero, David de Souza Mendes, Mariana Edinger Wieczorek, Eduardo Garcia buscaram estudar sobre o envelhecimento humano no cuidado multiprofissional. No artigo **MEMÓRIAS: REFLEXÕES EM TORNO DA MILITÂNCIA FEMINISTA** as autoras Adriana Lessa Cardoso e Márcia Alves da Silva buscam analisar a inserção no movimento feminista, para tanto analisamos uma narrativa de uma militante, dando visibilidade a sua trajetória de vida e militância, que se iniciou por volta dos anos de 1970, e que de alguma forma abriu espaço para tantas outras feministas. No artigo **Normalidade e diferença: vivências de estudantes de uma escola pública**, as autoras Akeslayne Maria de Camargo, Iris Clemente de Oliveira Bellato, Louise Gomes de Pinho, Emília Carvalho Leitão Biato, Barbara E. B. Cabral buscam discutir sobre a loucura como emblemática do que se considera desviante e inadequado, e busca articular essas concepções às vivências de estudantes em relação ao que tem sido avaliado como desviante e inadequado, atrapalhando o andamento da rotina escolar. No artigo **O ASILO, A ESCOLA E A UNIVERSIDADE: A COEDUCAÇÃO E O PROCESSO DE INTERGERACIONALIDADE**, os autores FLAVIO RIBEIRO DE OLIVEIRA, MARIELE RODRIGUES CORREA buscam analisar os discursos dos relatos produzidos pelas crianças em relação aos encontros com os idosos e os estudantes universitários a fim de compreender aspectos intergeracionais e o papel da coeducação. No artigo **O ENSINO DA DISCIPLINA ESTUDOS AMAZÔNICOS NAS**

ESCOLAS DE SANTARÉM-PARÁ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TEMÁTICA DA GUERRA DA CABANAGEM, o autor Wilverson Rodrigo Silva de Melo busca analisar como ocorre o ensino de Estudos Amazônicos e, como é abordado o tema da Revolta-Revolução da Cabanagem nas salas de aula das Escolas Básicas de Santarém. No artigo **O ENVELHECER NAS RUAS: AGRAVOS NA SAÚDE FÍSICA E MENTAL E REPERCUSSÕES NO TRABALHO**, os autores Carine Magalhães Zanchi de Mattos, Tamara Rosa Lansini Pereira Tolotti, Bruna Camargo, Guilherme Silva Costa, Patrícia Krieger Grossi analisam os agravos de saúde advindos do processo de envelhecimento nas ruas, como ocorrem e as repercussões destes no trabalho de pessoas com mais de sessenta anos de idade que vivem em situação de rua em Porto Alegre. No artigo **O NARCOTRÁFICO COMO FORÇA MOTRIZ DOS HOMICÍDIOS NAS REGIÕES PERIFÉRICAS DA CAPITAL MATOGROSSENSE** os autores Ariadne Mazieri de Moraes e Francisco Xavier Freire Rodrigues buscam analisar a compreensão da dinâmica dos homicídios motivados pelo narcotráfico na região metropolitana da capital Mato-grossense compõe o projeto “Homicídios Dolosos no Centro Oeste brasileiro. No artigo **O PAPEL PEDAGÓGICO NA ATER E SUSTENTABILIDADE: IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE DIVERSIFICAÇÃO DAS ÁREAS CULTIVADAS COM O TABACO NO TERRITÓRIO CENTRO- SUL DO PARANÁ** os autores TABARRO. Cristiane e AHLERT. Alvoriz analisam a importância do papel pedagógico na ATER - Assistência Técnica e Extensão Rural e de princípios da sustentabilidade para o fomento da produção de alimentos mais saudáveis. No artigo **O PROCESSO DE ESTIGMATIZAÇÃO DA LOUCURA E A DISCUSSÃO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS DE PESSOAS EM SOFRIMENTO MENTAL**, os autores Alessandra Aniceto Ferreira de Figueirêdo e Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro, analisam os discursos de pessoas em sofrimento psíquico sobre a loucura e seu processo de estigmatização. No artigo **OFICINA DO CUIDAR - UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE CUIDADOR INFORMAL DE IDOSOS**, os organizadores Fernanda Maria Francischetto da Rocha Amaral e Marcelo Amaro Manoel da Silva, buscou promover a capacitação de cuidadores familiares da área de abrangência de uma Unidade de Saúde do Município de Divinópolis. No artigo **OSTEOPOROSE E ENVELHECIMENTO: DESAFIOS E TRATAMENTOS**, os autores Renata Gonçalves Pinheiro Correa, Anna Raquel Silveira Gomes, Victoria Zeghbi Cochenski Borba buscaram conhecer os principais métodos de diagnóstico da Osteoporose, diretrizes de tratamento da Osteoporose, recomendações de suplementação de Vitamina D e Cálcio e treinamento físico para idosos com Osteoporose se torna muito importante no manejo da doença. No artigo **PEDAGOGIA CRÍTICA: MÚSICA E ALFABETIZAÇÃO EM PAUTA**, autora Andressa Blanco Ramos Bispo a autora busca apresentar um estudo direcionado à melhoria do processo de alfabetização e letramento do público da educação de jovens e adultos, utilizando a música como instrumento mediador do processo de ensino-aprendizagem. No artigo **PERCEBENDO O MUNDO COM UM NOVO OLHAR** as autoras Ana Paula Fernandes Ferreira e Letícia Carolina

Teixeira Pádua buscam pensar, refletir sobre o fenômeno que se revela buscando questionamentos, enquanto que a Geografia Humanista de base fenomenológica permite uma maior aproximação das experiências pessoais.

No artigo **PROGRAMA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE BASEADO EM MINDFULNESS PARA O EDUCADOR (MBHP-EDUCA): EXPERIÊNCIAS NOS MUNICÍPIOS DE SÃO PAULO E DE SÃO JOÃO DEL-REI**, os autores Marianna Nogueira Cecyn, Alex Mourão Terzi ,

Marcelo Demarzo, Daniela Rodrigues de Oliveira neste capítulo será discutida uma nova proposta para a educação baseada no cuidado ao professor. Programas Baseados em Mindfulness já são aplicados em escolas da Europa e Estados Unidos para a promoção da saúde da comunidade e para a melhora do ambiente escolar. No Brasil, em projeto de pesquisa inédito e inovador, foi construído um Programa de Promoção da Saúde Baseado em Mindfulness para o Educador (MBHP-Educa – Mindfulness-Based Health Promotion for Educators). Será apresentada brevemente a proposta e a estrutura do programa e os depoimentos de duas experiências: no município de São Paulo – SP e no município de São João del-Rei – MG .

No artigo **UMA EXPERIÊNCIA COM A PESQUISA QUALITATIVA** a autora Rosemary Trabold Nicácio neste artigo discute o percurso metodológico que apoiou minha tese de doutorado dentro da pesquisa qualitativa. Tenho como objetivo socializar as dificuldades iniciais que esse tipo de investigação pode trazer aos novos pesquisadores e algumas reflexões.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ESPAÇOS DE VIDA RECONSTRUÍDOS PELA MIGRAÇÃO: NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS EM COMUNIDADES RURAIS PIAUIENSES	
Lidiane Maria Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.7841924041	
CAPÍTULO 2	16
FAXINAIS E RESISTÊNCIA: A ATUAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO FAXINAL DO SALTO. REBOUÇAS/PR, 2000-2015	
Sonia Vanessa Langaro Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.7841924042	
CAPÍTULO 3	28
GESTÃO ESCOLAR: PLANOS DE METAS OU PLANO ESCOLAR	
Andréia Oliveira Ferreira dos Santos Rosiley Aparecida Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.7841924043	
CAPÍTULO 4	47
GRUPO SEGURA FIRME: UMA EXPERIÊNCIA DE PREVENÇÃO E TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA NO CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU	
Gisele Cristine Zimmer Samagaia Sabrina Speckart Ribeiro Camila Amanda Schmoegel Elias	
DOI 10.22533/at.ed.7841924044	
CAPÍTULO 5	56
IMAGENS DOS DESTERRADOS E DO ACRE EM CHARGES: REPRESENTAÇÕES, NARRATIVAS E IMAGINÁRIOS	
Higor Vieira de Araújo Francisco Bento da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7841924045	
CAPÍTULO 6	69
INDISCIPLINA NA ESCOLA: INVESTIGANDO AS AULAS DE MATEMÁTICA	
Jonny Lucas de Oliveira Joyce Jaquelinne Caetano Izabel Passos Bonete	
DOI 10.22533/at.ed.7841924046	

CAPÍTULO 7 78

LIGA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (LiGGe) DA UFCSPA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROPOSTA MULTIPROFISSIONAL PARA SUPLEMENTO CURRICULAR E PROMOÇÃO DE AÇÕES E EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM ENVELHECIMENTO HUMANO

Jeovana Ceresa
Nathália Fritsch Camargo
Guilherme Costa da Silva
Tamara Lansini Tolotti
Thayze Maria Marques Torbes
Guilherme Briczinski de Souza
Christofer da Silva Christofoli
Juliane Pinto Lucero
David de Souza Mendes
Mariana Edinger Wieczorek
Eduardo Garcia

DOI 10.22533/at.ed.7841924047

CAPÍTULO 8 85

MEMÓRIAS: REFLEXÕES EM TORNO DA MILITÂNCIA FEMINISTA

Adriana Lessa Cardoso
Márcia Alves da Silva

DOI 10.22533/at.ed.7841924048

CAPÍTULO 9 91

O ASILO, A ESCOLA E A UNIVERSIDADE: A COEDUCAÇÃO E O PROCESSO DE INTERGERACIONALIDADE

Flavio Ribeiro De Oliveira
Mariele Rodrigues Correa

DOI 10.22533/at.ed.7841924049

CAPÍTULO 10 107

O ENSINO DA DISCIPLINA ESTUDOS AMAZÔNICOS NAS ESCOLAS DE SANTARÉM-PARÁ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TEMÁTICA DA GUERRA DA CABANAGEM

Wilverson Rodrigo Silva de Melo

DOI 10.22533/at.ed.78419240410

CAPÍTULO 11 117

O ENVELHECER NAS RUAS: AGRAVOS NA SAÚDE FÍSICA E MENTAL E REPERCUSSÕES NO TRABALHO

Carine Magalhães Zanchi de Mattos
Tamara Rosa Lansini Pereira Tolotti
Bruna Camargo
Guilherme Silva Costa
Patrícia Krieger Grossi

DOI 10.22533/at.ed.78419240411

CAPÍTULO 12 129

O NARCOTRÁFICO COMO FORÇA MOTRIZ DOS HOMICÍDIOS NAS REGIÕES PERIFÉRICAS DA CAPITAL MATOGROSSENSE

Ariadne Mazieri de Moraes
Francisco Xavier Freire Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.78419240412

CAPÍTULO 13	142
O PAPEL PEDAGÓGICO NA ATER E SUSTENTABILIDADE: IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE DIVERSIFICAÇÃO DAS ÁREAS CULTIVADAS COM O TABACO NO TERRITÓRIO CENTRO- SUL DO PARANÁ	
Cristiane Tabarro Alvori Ahlert	
DOI 10.22533/at.ed.78419240413	
CAPÍTULO 14	148
O PROCESSO DE ESTIGMATIZAÇÃO DA LOUCURA E A DISCUSSÃO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS DE PESSOAS EM SOFRIMENTO MENTAL	
Alessandra Aniceto Ferreira de Figueirêdo Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro	
DOI 10.22533/at.ed.78419240414	
CAPÍTULO 15	165
OFICINA DO CUIDAR - UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE CUIDADOR INFORMAL DE IDOSOS	
Fernanda Maria Francischetto da Rocha Amaral Marcelo Amaro Manoel da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.78419240415	
CAPÍTULO 16	176
OSTEOPOROSE E ENVELHECIMENTO: DESAFIOS E TRATAMENTOS	
Renata Gonçalves Pinheiro Correa Anna Raquel Silveira Gomes Victoria Zeghbi Cochenski Borba	
DOI 10.22533/at.ed.78419240416	
CAPÍTULO 17	190
PEDAGOGIA CRÍTICA: MÚSICA E ALFABETIZAÇÃO EM PAUTA	
Andressa Blanco Ramos Bispo	
DOI 10.22533/at.ed.78419240417	
CAPÍTULO 18	204
PERCEBENDO O MUNDO COM UM NOVO OLHAR	
Ana Paula Fernandes Ferreira Letícia Carolina Teixeira Pádua	
DOI 10.22533/at.ed.78419240418	
CAPÍTULO 19	207
PERCEPÇÃO DE SAÚDE E COMORBIDADES DO IDOSO: PERSPECTIVAS PARA O CUIDADO DE ENFERMAGEM	
Cláudia Fabiane Gomes Gonçalves Samara Maria de Jesus Veras Maria Aparecida de Souza Silva Rebeca Cavalcanti Leal Cynthia Roberta Dias Torres Silva Ana Karine Laranjeira de Sá Valdirene Pereira da Silva Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.78419240419	

CAPÍTULO 20 217

PROGRAMA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE BASEADO EM MINDFULNESS PARA O EDUCADOR (MBHP-EDUCA): EXPERIÊNCIAS NOS MUNICÍPIOS DE SÃO PAULO E DE SÃO JOÃO DEL-REI

[Marianna Nogueira Cecyn](#)

[Alex Mourão Terzi](#)

[Marcelo Demarzo](#)

[Daniela Rodrigues de Oliveira](#)

DOI 10.22533/at.ed.78419240420

CAPÍTULO 21 233

UMA EXPERIÊNCIA COM A PESQUISA QUALITATIVA

[Rosemary Trabold Nicácio](#)

DOI 10.22533/at.ed.78419240421

SOBRE A ORGANIZADORA..... 243

INDISCIPLINA NA ESCOLA: INVESTIGANDO AS AULAS DE MATEMÁTICA

Jonny Lucas de Oliveira

UNICENTRO/*Campus* Irati

jonnylucasoliveira@gmail.com

Joyce Jaquelinne Caetano

UNICENTRO/*Campus* Irati

joyce.tardo@yahoo.com.br

Izabel Passos Bonete

UNICENTRO/*Campus* Irati

ipbonete@irati.unicentro.br

problema está presente e configura-se como um obstáculo no processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos matemáticos, entretanto não tem sido um tema discutido superficialmente no interior da escola, professores e coordenadores têm, constantemente, buscado soluções para modificar esse quadro, embora não busquem entender as principais razões de tal fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Indisciplina. Educação. Atitudes. Escola.

RESUMO: A indisciplina escolar tem se configurado como um dos principais problemas que comprometem o processo de ensino e aprendizagem na escola, além de prejudicar o relacionamento social e a vida particular do aluno. Sendo assim, o presente estudo buscou promover uma discussão sobre o tema, por meio da análise de depoimentos de professores de Matemática, coordenadores pedagógicos e alunos do ensino fundamental de duas turmas, consideradas as mais indisciplinadas, de duas escolas públicas estaduais do município de Irati-PR. A escolha das turmas foi por indicação da direção das escolas. A metodologia utilizada para a coleta dos dados foi a realização de entrevistas, as quais foram gravadas e, posteriormente, transcritas em um diário. O estudo foi exploratório de cunho qualitativo e evidenciou nas análises realizadas que o

INTRODUÇÃO

Desde que instituída, a escola vem buscando atingir seu objetivo de proporcionar aos indivíduos a aquisição dos instrumentos necessários para o acesso ao saber sistematizado. Entretanto, atualmente, ao invés de cumprir sua função, a escola acaba por negligenciar o processo de ensino-aprendizagem, em virtude de questões relativas a ação disciplinar dos alunos que dificultam o processo ensino - aprendizagem e as relações interpessoais.

Tradicionalmente, a indisciplina escolar é atribuída à origem social e econômica dos alunos. Entretanto, considerando que a sociedade está em constante transformação e que os alunos de hoje buscam na escola o conhecimento que não conseguem adquirir por

meio da tecnologia disponível no mercado, segundo Garcia (2013) faz-se necessário que a escola busque se adequar, constantemente, por meio de mudanças de suas práticas, teorias e métodos pedagógicos, possibilitando um espaço que atenda as necessidades dos alunos sem levar em consideração as diferentes origens, seja social, cultural, étnica ou econômica, atendendo as disparidades cognitivas e afetivas dos alunos.

Especificamente, na disciplina de Matemática, a indisciplina não é diferente a que ocorre nas demais disciplinas escolares. Podem ser reflexos das condições familiares dos alunos, das dificuldades de acompanhar as aulas, da falta de motivação pelo estudo, da falta de respeito a colegas e professores, falta de experiência de professores recém-formados ou ainda, falta de uma melhor formação de professores aptos a enfrentar esse problema.

Assim, na perspectiva de compreender as visões e concepções sobre o tema, bem como de levantar possibilidades de melhorar situações de indisciplina em escolas estaduais do município de Irati, buscou-se investigar *in loco*, junto a professores, coordenadores pedagógicos e alunos de duas turmas do ensino fundamental, uma de cada escola, consideradas pela direção as mais indisciplinadas, o que pensam, o que esperam e o que fazem para mudar esse quadro.

INDISCIPLINA: ORIGEM DO TERMO E CONCEITO

A indisciplina não se restringe à áreas específicas do conhecimento, ela aparece no âmbito escolar de modo geral. Barbosa (2009) analisou três definições de indisciplina, segundo Ferreira (2008), Abbagnano (1999) e Caygill (2000) a partir de três visões básicas: a visão tradicionalista que compreende a disciplina como um mecanismo de limitação dos comportamentos, visando alcançar os objetivos propostos; a visão escolanovista, que rotula disciplina como forma de cercear as possibilidades do educando e por fim, a visão construtivista, que atribui um novo papel ao docente, indicando-o como mediador da aprendizagem e promotor da liberdade responsável, da autodisciplina e do autocontrole dos alunos.

Segundo Estrela (1992) citada por Jesus e Maia (2010, p.02) o conceito de indisciplina “tem assumido ao longo dos tempos diferentes significações: punição; dor; instrumento de punição; direção moral; regra de conduta para fazer reinar a ordem numa colectividade; obediência a essa regra”, decorrentes das práticas teórico-metodológicas adotadas pelas escolas, na intenção de melhorar a relação professor-aluno e de propiciar um ambiente adequado à aprendizagem.

Garcia (1999) salienta que é preciso superar a noção arcaica de indisciplina como algo restrito à dimensão comportamental e, portanto, que ela deve ser considerada por meio de três de seus principais planos de expressão na escola, ou seja: pelas condutas dos alunos nas diversas atividades pedagógicas, dentro ou fora da sala de aula; na

relação dos alunos com seus pares, com os profissionais da educação e, no espaço escolar com suas atividades pedagógicas, patrimônio, ambiente, etc. e finalmente no contexto do desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Desse modo, entende-se por indisciplina “a incongruência entre os critérios e expectativas assumidos pela escola (que supostamente refletem o pensamento da comunidade escolar) em termos de comportamento, atitudes, socialização, relacionamentos e desenvolvimento cognitivo, e aquilo que demonstram os estudantes” (p. 102).

Golba (2009, p. 9836) refere que “o conceito de indisciplina não é estático, uniforme, tampouco universal”. Logo, não se pode esperar unanimidade quanto ao conceito, pois o mesmo relaciona-se a diferentes valores e expectativas que se modificam conforme o contexto em que se inserem.

Embora não se possa construir uma definição apropriada para o termo indisciplina que contemple todo o seu significado, pode-se conceber a sua presença nas mais diferentes escolas do país e no mundo (BARBOSA, 2009 e GARCIA, 2011). Além disso, trata-se de um fenômeno que se apresenta como um sério obstáculo no processo de ensino-aprendizagem, pois prejudica o desenvolvimento da prática docente e a aprendizagem dos conteúdos por parte dos alunos.

Para Aquino (1996), sob diversos aspectos, a indisciplina escolar, hoje, se diferencia daquela observada em décadas anteriores no que se refere, por exemplo, às expressões e o caráter da indisciplina. Não se trata apenas de uma ampliação quanto à intensidade de manifestação. A indisciplina escolar, atualmente, tem se apresentado mais complexa e ‘criativa’, tornando-se, para os professores, cada vez mais difícil de resolver estas manifestações.

INDISCIPLINA NA MATEMÁTICA

A Matemática, como disciplina escolar, tem sua função no currículo escolar, pois promove a formação social e intelectual do aluno, capacitando-o para evoluir culturalmente e socialmente, além de instrumentá-lo para a tomada de decisões frente às transformações da sociedade.

Entretanto, embora o conhecimento matemático seja de fundamental importância para a formação do aluno, relatos de indisciplina escolar em sala de aula são comuns. Garcia (2011) corrobora ao afirmar que a indisciplina escolar se faz presente nas salas de aulas de professores de diversas matérias e em diferentes momentos de suas carreiras, em especial entre professores em início de carreira.

Hochmann e Evangelista (2012) ao investigarem a indisciplina nas aulas de Matemática a partir de entrevistas com três professores e observações realizadas em sala de aula, também constataram que a indisciplina em sala de aula é muito frequente e ocorre de modo geral, independente da disciplina.

Para GARCIA (2006, p. 07)

No campo das pesquisas educacionais os estudos sobre indisciplina avançam, sob diferentes motivações e em busca de diferentes respostas. Entre tais motivações, ainda a de recuperar o fio condutor da educação como prática de regulação social, enquanto afirma sua finalidade emancipatória. Na base dessa busca, a suposição de que nas escolas podemos produzir uma outra disciplina, emancipatória, capaz de derivar outra perspectiva para pensar os problemas recorrentes de indisciplina nas escolas. Nos parece que essa busca representa um paradoxo entranhado na tensão entre as intenções da educação, dividida entre regulação e emancipação. Vemos essa busca como produtiva, e uma fonte da qual derivam perguntas bastante significativas. Quando uma disciplina, e qual disciplina é emancipatória na escola? A experiência de disciplina, afinal, com algo socialmente produzido na escola, consegue ser emancipatória? São perguntas que solicitam reflexão, investigação, bem como revisão de posições e avanços na escola.

Estas considerações e as queixas frequentes nas aulas de Prática de Ensino no curso de Matemática de uma Universidade Pública do Estado do Paraná sobre a indisciplina nas escolas, é que motivaram este estudo.

O RELATO DA EXPERIÊNCIA

Tratou-se de um estudo exploratório com o objetivo de obter informações ou dados mais esclarecedores e consistentes sobre a indisciplina na escola, propondo a construção de hipóteses que possibilitam a delimitação do problema, tornando-o mais explícito (GIL, 2009). Assim, o presente trabalho de cunho qualitativo, caracterizou-se em uma “abordagem que exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permite estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo”. (BODGAN & BIKLEN, 1994, p.49) Buscou-se promover uma discussão sobre a indisciplina na escola, em especial, nas aulas de Matemática por meio da análise de depoimentos de professores de Matemática, coordenadores pedagógicos e alunos do ensino fundamental de duas turmas, apontadas como as mais indisciplinadas de duas escolas públicas estaduais de um município da região sul do Paraná, designadas por Escola A e Escola B, sendo professor e coordenador pedagógico da Escola A, designados, respectivamente, por Professor A e Coordenador A e professor e coordenador pedagógico da Escola B, designados por Professor B e Coordenador B. A escolha das turmas foi por indicação da direção das escolas. A metodologia utilizada para a coleta dos dados foi a realização de entrevistas, as quais foram gravadas e, posteriormente, transcritas em um diário com o propósito de investigar as causas e implicações da indisciplina nas aulas de Matemática presentes na visão dos entrevistados.

As análises das entrevistas foram realizadas através de mapeamentos de respostas (constância, frequência, ocasionalidade) para melhor “compreender a experiência que eles têm, as representações que formam e os conceitos que elaboram” (CHIZZOTTI, 2000, p. 84).

As entrevistas, foco deste estudo, contemplaram 55 (cinquenta e cinco) entrevistados, sendo 51 (cinquenta e um) alunos do 7º ano do ensino fundamental,

02 (duas) professoras de Matemática e 02 (duas) coordenadoras pedagógicas das escolas investigadas.

As questões propostas nas entrevistas com os alunos foram as seguintes: 1) *O que é indisciplina?* 2) *Você se considera indisciplinado?* 3) *A sua classe é considerada indisciplinada?* 4) *Na sua opinião, o que causa indisciplina nas aulas de Matemática?* 5) *Quais as consequências da indisciplina nas aulas de Matemática?* 6) *O que deveria ser feito para acabar com a indisciplina?*

Os alunos da Escola A e da Escola B investigadas, em sua maioria, não souberam definir adequadamente o que é indisciplina, definindo-a como bagunça, conversas, jogar bolinhas de papel, falta de educação, não fazer as tarefas, falta de respeito, fazer mal para os outros, não obedecer, ou ainda, como não seguir as regras. Já para a pergunta 2, num universo de 51 alunos, apenas 7 deles, das duas turmas, afirmaram que sim, ou seja, cerca de apenas 14% dos alunos consideram-se indisciplinados, lembrando que as duas turmas entrevistadas são consideradas as mais indisciplinadas das duas escolas, o que justifica a concepção de indisciplina equivocada de indisciplina da questão 1. Na terceira questão, 35 alunos afirmaram que sim, ou seja, aproximadamente 69% dos alunos consideram a sua classe indisciplinada. Na questão 4, a maioria também teve dificuldades para explicar os motivos da indisciplina, os que fizeram com maior clareza foram os alunos 21, 29 e 32. *“Faz bagunça com a intenção de chamar a atenção.”* (aluno 29), *“Eles fazem isso porque em casa eles fazem a mesma coisa, daí quando eles vêm pra escola eles fazem a mesma coisa”* (aluno 21) *“Atrapalha a aprendizagem”* (aluno 32) Em relação às consequências, questão 5, o depoimento de alguns deles sintetiza os demais depoimentos. São eles: *“Podemos perder o professor”* (aluno 1) *“Os alunos indisciplinados não aprendem a matéria”* (aluno 2) *“Indisciplina atrapalha as aulas”* (aluno 3) *A professora briga, xinga, a professora fala que faz com a gente não tenha um futuro bom, atrapalha muito os alunos que querem estudar* (aluno 9) *Os alunos indisciplinados ficam de castigo sem recreio, se eu não fizesse bagunça eu iria melhor na escola* (aluno 10) *“Não passar de ano em Matemática”* (aluno 49)

Em relação à última questão, os alunos apontaram como possíveis soluções: tirar os alunos indisciplinados da sala, chamar a patrulha escolar, tirar o recreio e a educação física dos indisciplinados, dar punição, expulsão, a professora propor atividade diferente e divertida, professores e pais juntos conversarem com os alunos.

Como se pode observar pelas respostas dos alunos, embora eles tenham encontrado dificuldades em responder algumas questões, percebe-se que os alunos, em sua maioria, entendem que a indisciplina atrapalha o desenvolvimento das aulas de Matemática.

Nas entrevistas abertas com os professores e coordenadores pedagógicos o tema foi Indisciplina suas causas e consequências, ficando livres para expor suas ideias a respeito do tema.

Vale destacar que a professora A tem menos de 3 (três) anos de experiência, formada recentemente e a professora B tem mais de 20 (vinte) anos de experiência

docente.

A Professora A destaca que em suas aulas de Matemática, *“os alunos se manifestam conversando muito, correm dentro da sala de aula, parece que fazem uma concorrência pra ver quem faz mais bagunça. (...)”*. Em sua opinião, isto acontece por *“falta de educação em casa “*, não tem pais ou responsáveis presentes. E, isto tem consequências na aprendizagem dos indisciplinados e dos disciplinados, porque segundo ela *“a indisciplina atrapalha o outro que não é indisciplinado. O pior de tudo é a falta de aprendizagem que ocorre por causa da indisciplina, principalmente, porque eu tenho muito que parar a aula para chamar a atenção dos alunos indisciplinados e talvez eu deixe lado os alunos que são comportados e estão com dificuldades, talvez eu não consiga atender todos por causa da indisciplina.”* Em relação o que fazer para administrar esta situação ela propôs: *“(...) talvez as metodologias diferenciadas pudessem ajudar (...) talvez, cobrar dos pais que sejam mais presentes (...)”*.

A Professora B informa que um sétimo ano se sobressai na indisciplina. *“(...) eles são alunos imperativos, que provocam o colega, não prendem a atenção na explicação, aí eles começam a falar alto, a provocar o colega, levantam sem pedir licença, aí distrai o colega do lado, então atrapalha bastante. Isso ocorre em algumas disciplinas”*. Ela informa que não encontra dificuldades em lidar com estas situações, para ela *“quando o professor usa o pulso mais firme, eles se retêm um pouquinho, e sabendo como chamar a atenção, às vezes com delicadeza e não gritando na mesma altura, você consegue que eles baixem o tom de voz e que prestem atenção. Inclusive eu comento com eles que a falta de atenção deles faz com que se abra um buraco naquele conteúdo que a gente está explicando e com aquele buraco ele não vai entender a sequência depois (...)”*.

A indisciplina para a Professora B ocorre porque *“As vezes é falta de limite em casa, alguns dos nossos alunos têm um histórico muito difícil, temos muitos alunos da sala de recurso, alguns deles que são imperativos, eles enfrentam os professores... eu já chego acomodando a situação, usando palavras que não ofendam, sempre tratando com delicadeza, com carinho, para que eles me respeitem, porque eu os respeito...”*. Diante disto, a professora sugere não bater de frente com o aluno indisciplinado, o professor tem que ser um pouco psicólogo, ter muita paciência, chegar com calma nos alunos, para desequilibrar o aluno com certo “jogo de cintura”. Afirma que trata os alunos como seus filhos, então assume o papel de educar mesmo, exigindo respeito e impondo os devidos limites. Além disso, afirma que *“As aulas tem que ser mais interessantes, porque se você ficar naquela mesmice, o que acontece é que eles enjoam, cansam, então de repente para começar o assunto, tem uma história real, e aí dessa história você vai desenvolvendo o conteúdo que você vai trabalhar, em minhas aulas acontece isso”*.

Para as Professoras A e B lidar com as situações de indisciplina são diversas. Percebe-se pela fala, uma certa impotência da professora A diante do problema e segurança por parte da professora B. Poderíamos dizer que a experiência de trabalho

da Professora B em relação ao da Professora A, é o motivo, no entanto, não se pode perder de vista que este estudo é só um pequeno recorte da realidade. Mas, pode-se afirmar com certeza, que a experiência docente e de vida colaboram para estas situações. Conforme, Garcia

Há diversas razões que explicam a centralidade da indisciplina, entre as principais preocupações dos jovens professores. O encontro com as situações de indisciplina pode ser algo desconcertante e capaz de deixar os professores com um forte sentimento de impotência. Tais experiências, portanto, podem ser lidas como uma indicação de que eles que talvez não estejam suficientemente preparados para a sala de aula, ou que devam repensar suas escolhas profissionais. No início de suas carreiras, tais professores ainda não detêm o conhecimento e a experiência suficientes e assim um repertório de respostas a uma variedade diversificada de situações, que mesmo simples, podem representar desafios consideráveis. (GARCIA, 2011, p.11260)

As coordenadoras pedagógicas A e B das referidas escolas apontam que a indisciplina ocorre pela inabilidade do professor em administrar tais situações, como se pode observar nas falas a seguir: *“eu tenho percebido que as crianças têm problemas, mas este não seria o foco, mas são crianças diferentes e os nossos professores mais antigos tão querendo tratar nossas crianças como eles eram tratados, com uma disciplina bem rigorosa e quase que “conteudista”; os nossos professores mais novos não estão tendo pulso firme, eles não estão dando conta dessas crianças...Só que a didática, a metodologia que esses professores estão utilizando não estão adequadas. Eu tenho ouvido muito assim: “isso é problema da pedagoga”, eu estou tentando modificar, essas aulas tão ficando chatas, porque você veja, a professora fica só com o giz lá escrevendo, escrevendo, escrevendo, e o que eles fazem...”* (Coordenadora A). *“Realmente, toda escola tem essa turma, eu vejo que em algumas disciplinas ocorre um pouco mais, em outras um pouco menos. Talvez seja pela forma como o conteúdo é apresentado, falta interesse dos alunos, a metodologia do professor, eu vejo que a indisciplina ocorre muitas vezes por causa disso”* (Coordenadora B).

Quanto às consequências da indisciplina ambas as coordenadoras concordam que afeta a aprendizagem, dificultando o trabalho do professor. Sugerem que o trabalho docente seja mais atrativo, fazendo uso de metodologias que despertem o interesse dos alunos em aprender, trabalhem em equipe na escola junto à coordenação, bem como concordam que a colaboração da família também são muito importantes para o desempenho escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indisciplina na escola, segundo Garcia (1999, p. 01), “tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional. Trata-se de uma questão, portanto, a ser debatida e investigada amplamente”.

Nesse sentido, como consequência da investigação realizada, percebeu-se que o principal foco da maioria dos entrevistados é resolver o problema da indisciplina, e

não tentar entendê-la. Pôde-se verificar a necessidade de aprofundar a investigação sobre as possíveis causas e intervenções e das respectivas práticas pedagógicas dos professores de Matemática.

Além disso, diante das colocações dos professores é fundamental que os cursos de formação de professores comecem a tratar melhor esse tema, no sentido de capacitar o professor recém-formado para enfrentar tais problemas e modificar esse quadro considerado prejudicial a qualidade do ensino e a formação do cidadão crítico e reflexivo, função primordial da escola.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

AQUINO, J. G. **A desordem da relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento**. In: _____ (org) *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. 8ª ed. São paulo: Summus, 1996, p.39-55.

BARBOSA, Fernanda Aparecida Loiola. *Indisciplina Escolar: Diferentes Olhares Teóricos*. **Anais do IX Congresso Nacional de educação – EDUCERE e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. 26 a 29 out. 2009 – PUC-PR. p.4830 a 4840. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2748_1737.pdf. Acesso em: 01 maio 2014.

BOGDAN, Robert ; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos**. 4 ed.Porto: Porto, 1994.

CAYGILL, H. **Dicionário Kant**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 4ª ed. São Paulo, Cortez, 2000.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio**. 7. Ed. Curitiba: Positivo, 2008.

GARCIA, Joe. *Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva*. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n.95, p. 101-108, jan./abr. 1999. Disponível em: http://www.ipardes.gov.br/pdf/revista_PR/95/joe.pdf. Acesso em: 01 maio 2014.

GARCIA, J. **Indisciplina, incivilidade e cidadania na escola**. *Educação Temática Digital*, v. 08, n. 01, p. 121-130, dez 2006. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/2138>.

GARCIA, Joe; TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. **Indisciplina, conflitos e bullying na escola**. Vol. 2. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2013.

GARCIA, J. **Indisciplina nas aulas de matemática: a visão de jovens professores**. In:

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 11., 2011b, Curitiba. **Anais...**Curitiba: PUC-PR, 2011a. p. 11254-11263.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GOLBA, Mônica Aparecida de Macedo. *Os motivos da indisciplina na escola: a perspectiva dos alunos*. **Anais do IX Congresso Nacional de educação – EDUCERE e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. 26 a 29 out. 2009 – PUC-PR. p.9832 a 9842. Disponível em: <http://www.pucpr>.

br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2071_1923.pdf. Acesso em: 01 maio 2014.

HOCHMANN, Edilia; EVANGELISTA, Celma Ramos. Professores e contextos da disciplina e indisciplina nas aulas de matemática. **Revista Eventos Pedagógicos**. v.3, n.3, p. 270 - 283, Ago. – Dez. 2012. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/960/666>. Acesso em: 01 maio 2014.

JESUS, Graziela de; MAIA, Graziela Zambão Abdian. Indisciplina escolar: reflexões. **Revista de Iniciação Científica da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP**, Vol. 10, nº 1. 2010. Disponível em: [file:///C:/Users/mm/Downloads/307-1137-3-PB%20\(2\).PDF](file:///C:/Users/mm/Downloads/307-1137-3-PB%20(2).PDF). Acesso em: 01 maio 2014.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-racial.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-278-4

